CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil **Class.:** 22

Data: 14.04.71 **Pg.:**

Índios mataram brancos em defesa de seu território

Brasília (Sucursal) — O território dos Cintas-Largas, Suruís e Bôcas Negras estava sendo loteado ilegalmente por uma imobiliária e foi esta uma das causas principais da represália de 200 índios contra o pôsto da Funai em Rondônia.

Mesmo sem permissão do INCRA e da Fundação Nacional do Índio (Funai), a emprêsa imobiliária Itaporanga vinha dividindo em pequenas glebas o território indígena e construindo estradas de acesso. Técnicos da Funai levantaram a suspeita de que foram os Suruís, e não os Cintas-Largas, que atacaram o acampamento.

Divisão do território

A emprêsa teve negado há vários meses um pedido à comissão mista formada por representantes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), da Funai e do Govêrno de Rondônia para atuar na área. Apesar da negativa, seus diretores continuaram a lotear o território e vender glebas a particulares. Há dois meses o presidente da Funai, General Bandeira de Melo, conversou com diretores da emprêsa no Pôsto 7 de Setembro, acampamento-sede da expedição de pacificação dos Cintas-Largas. A comissão mista vai reunir-se na próxima semana, em Brasília, para examinar que medidas serão tomadas em relação à Imobiliária Itaporanga.

Garimpeiros

Além dêsse motivo, técnicos da Funai relacionaram como causa da reação dos índios a presença de mineradores na região, interessados principalmente em cassiterita e no diamante descoberto recentemente no rio Roosevelt. Outra explicação para o ataque é a construção de uma estrada entre os Municípios de Pôrto de Cauchos e Aripuana.

Os técnicos não revelaram o nome do órgão responsável pela construção da estrada, que passa pela reserva dos índios erigpactsa, desde Pôrto de Cauchos até as margens do rio Juína-Mirim, onde o Govêrno do Território pretende instalar a sede do Município de Aripuanã. Cêrca de 200 índios Erigpactsa mantêm contatos pacíficos com os brancos, mas outros grupos, num total de 400 indígenas, continuam arredios.

A suspeita

Funcionários da Funai levantaram dúvidas a respeito das primeiras informações que responsabilizam os cintas-largas pelo ataque ao pôsto indígena. Acham, em princípio, que foram os suruís os autores do massacre porque na região entre o rio Roosevelt e o Pôsto 7 de Setembro não vivem cintas-largas, mas os suruís.

A distancia entre o rio e o pôsto é de 90 quilômetros e nela viveriam, segundo cálculos dos sertanistas, mais de mil suruís. Observaram ainda que, caso os autores do ataque tenham sido realmente os suruís, aumentará a possibilidade de que haja um ataque ao Pôsto 7 de Setembro.

Desaparecidos

Até ontem à noite, a Fundação Nacional do Índio não tinha recebido nenhuma informação sôbre o empregado Acrísio Lima e a cozinheira índia que estavam no pôsto quando êle foi atacado. A possibilidade de que a índia Gavião ainda esteja viva foi levantada pelos técnicos, sob o argumento de que, além de ser silvícola, é mulher. No entanto, outro técnico observou que tôdas as índias da expedição do padre Calleri foram massacradas pelos Atroaris, em Roraima, há vários anos.

Quanto ao servidor Acrísio Lima, restam poucas possibilidades de que esteja vivo. O corpo do jornalista Possidônio Bastos foi enterrado, mas as informações chegadas à Funai, em Brasília, não dizem onde. Acredita-se que êle tenha sido enterrado no pôsto do rio Roosevelt, por causa do tempo que já decorreu desde sua morte, no dia 22 de novembro.

Nova estrada

O Ministro Costa Cavalcanti inaugurou ontem em Xavantina a primeira ponte da Rodovia BR-080, que corta ao meio o Parque Nacional do Xingu. Da inauguração da ponte, sôbre o rio das Mortes, participaram várias autoridades, inclusive o presidente da Funai, General Bandeira de Melo.

Ontem mesmo êle seguiu para a ilha do Bananal, devendo voltar amanhã à tarde ou segunda de manhã a Brasília.

ABI lamenta

O presidente da Associação Brasileira de Imprensa dirigiu mensagem ao presidente da Funai, General Bandeira de Melo, lamentando, em nome da classe, o assassínio do jornalista Possidônio Bastos, nas selvas de Rondônia.

O Sr. Danton Jobim, presidente da ABI, salientou a perda daquele profissional em missão de catequese porque "priva a imprensa de um de seus mais dedicados profissionais, a Funai de um de seus mais competentes técnicos, os indígenas de um de seus mais conscientes defensores."